

## DA RECRIAÇÃO DA SEMIOLOGIA: APONTAMENTOS SOBRE A ATIVIDADE DA LINGUAGEM POÉTICA

*DIE NEUERFINDUNG DER SEMIOLOGIE:  
ANMERKUNGEN ZUR TÄTIGKEIT DER POETISCHEN SPRACHE*

Aroldo Garcia dos Anjos<sup>1</sup>

**RESUMO:** É objetivo deste trabalho ensaiar uma discussão teórica introdutória à noção de *atividade* sob a perspectiva da poética do ritmo. Para tanto, discutem-se a concepção de antropologia histórica da linguagem e de semiologia. Buscam-se, com isso, subsídios para a análise de textos literários sob um ponto de vista discursivo, sobretudo a partir de reflexões derivadas de Henri Meschonnic, Gérard Dessons, Chloé Laplantine e Hans Lösener. Por representarem uma base de discussão em comum entre os autores citados, revisitam-se considerações de Émile Benveniste, Ferdinand de Saussure e Wilhelm von Humboldt.

**Palavras-chave:** Semiologia; poética; atividade; historicidade.

**ZUSAMMENFASSUNG:** Ziel dieses Beitrags ist es, eine einführende theoretische Diskussion über den Begriff *Tätigkeit* aus der Perspektive der Poetik des Rhythmus zu führen. Zu diesem Zweck werden die Konzepte der historischen Anthropologie der Sprache und der Semiologie erörtert. Dabei werden Elemente für die Betrachtung literarischer Texte aus einer diskursiven Perspektive gesucht, insbesondere nach Überlegungen von Henri Meschonnic, Gérard Dessons, Chloé Laplantine und Hans Lösener. Da sie eine gemeinsame Diskussionsgrundlage der zitierten Autoren darstellen, werden auch Überlegungen von Émile Benveniste, Ferdinand de Saussure und Wilhelm von Humboldt wieder aufgegriffen.

**Schlüsselwörter:** Semiologie; poetik; tätigkeit; geschichtlichkeit.

### Considerações iniciais

Neste estudo, objetivo ensaiar uma discussão sobre como o poema cria a sua própria significância e o que ele faz. Verso, assim, sobre a noção de atividade, sobre uma concepção de atividade de linguagem, sob a perspectiva da poética do ritmo. Delineio a presente exposição segundo uma reflexão de Gérard Dessons, desenvolvida em *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Na subseção "Une sémantique de l'art", o autor discute a noção de arte no pensamento de Émile Benveniste e a extensão de sua reflexão em direção ao texto poético. Dessa discussão,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras na Universidade Federal de Pelotas-UFPEL. Professor de alemão e tradutor.

destaco, inicialmente, a concepção do poeta como criador e o olhar sobre a dimensão artística da linguagem, sobre “o lugar onde o valor se constitui”<sup>2</sup> (DESSONS, 2006, p. 200, tradução minha<sup>3</sup>). Derivada da poética do discurso meschonniquiana<sup>4</sup>, essa leitura da obra de Émile Benveniste, corroborada também por Hans Lösenner (2006) e Chloé Laplantine (2008), coloca a subjetividade no centro da discussão sobre a obra literária, uma vez que a significação específica da arte é sempre particular. Com base na leitura de Meschonnic (2017), Dessons (2006), Dessons & Meschonnic (2003), Lösenner (1997, 2006) e Laplantine (2008), almejo, portanto, compreender 1) a discussão acerca da recriação, por parte do poeta, de uma nova semiologia; 2) a noção de atividade, no que tange à criação poética.

Para pensar esse processo de recriação semiológica e refletir sobre a noção de atividade, no entanto, é preciso partir da noção de antropologia histórica da linguagem. Para tanto, trago algumas observações de Dessons e Meschonnic (2003), Dessons (2006) e Lösenner (1997, 2006) a esse respeito.

## 1 Da antropologia histórica da linguagem

Ao introduzir a questão da antropologia da linguagem, Dessons (2006, p. 42) resgata em epígrafe uma afirmação de Benveniste a respeito do que separa o humano do animal, presente em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”: “o homem não foi criado duas vezes, uma vez sem linguagem, e uma vez com linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 29). Ao longo de *l’invention du discours*, o autor busca mostrar que, na concepção benvenistiana, é próprio do homem a ressignificação, uma vez que o sujeito de linguagem se constitui de enunciação a enunciação *à neuf*, de maneira sempre renovada, em um processo de reinvenção intimamente atrelado à historicidade da linguagem (DESSONS, 2006, p. 138). A linguagem é vista como agente, atividade, e o processo de individuação é feito nela, não em um ponto externo: a linguagem é, pois, lugar e processo de subjetivação. Dessons (2006, p. 142) observa que, em Benveniste, o fato de a teorização da linguagem e da subjetividade na linguagem dar-se no empírico do discurso implica em reforçar a ideia de que “a instanciação do sujeito se realiza *na e pela* linguagem, [...] como processo informante, operador de subjetividade”<sup>5</sup> (DESSONS, 2006, p. 143). Essa consideração trará consequências decisivas para o modo como se concebe a noção de intenção, uma vez que, em Benveniste, o intencionado (*intente*), enquanto ato de significação, não escapa à historicidade. A intenção não está posta, assim, como uma essência a ser reconstituída. Trata-se antes de um processo que se confunde com a própria significação, pois, “em Benveniste, a noção de intenção não é legível fora de sua concepção de sujeito da enunciação como instanciação linguística”<sup>6</sup> (DESSONS, 2006, p. 149). Assim, o par *na e pela* problematiza a linguagem em sua relação com a subjetivação: por ser da ordem da

<sup>2</sup> “le lieu où la valeur se constitue”.

<sup>3</sup> Ao longo do ensaio, o leitor deparar-se-á com citações de obras em alemão e em francês que ainda não foram traduzidas no Brasil. Doravante, são minhas as traduções de Trabant (1992 e 2005), Lösenner (1997 e 2006), Dessons & Meschonnic (2003), Dessons (2006) e Laplantine (2008).

<sup>4</sup> Em linhas gerais, podemos falar de autores que repensam a noção de ritmo na linguagem a partir de Henri Meschonnic, tais como Gérard Dessons e Chloé Laplantine, na França; Hans Lösenner, na Alemanha; Daiane Neumann, no Brasil.

<sup>5</sup> “Chez Benveniste, l’instanciation du sujet se réalise *dans et par* le langage, c’est-à-dire, on y insiste, dans le langage considéré comme procès informant, opérateur de subjectivité”.

<sup>6</sup> “La notion d’intention chez Benveniste n’est donc pas lisible en dehors de sa conception du sujet de l’énonciation comme instanciation linguistique”.

singularidade, ela é a manifestação da historicidade, de uma inventividade que não cessa de se reconstruir. Dessons destaca, dessa maneira, a relação constante da teoria da enunciação benvenistiana com a questão do sujeito, visto que a subjetividade é transversal às noções que fundamentam o pensamento do autor. Nesse sentido, subjetividade é a grande questão para sua teoria, que termina por trazer consigo a problemática do sujeito.

Em *Traité du rythme. Des vers et des proses*, Dessons e Meschonnic identificam a necessidade de interação entre a teoria da linguagem, da literatura e da arte, uma vez que percebem aí uma atividade bastante particular, tomando a historicidade como:

No plano da teoria da linguagem e da literatura, o estatuto contraditório entre uma dada situação histórica, que é sempre a circunstância de uma *atividade*, e a capacidade desta *atividade* de sair indefinidamente das condições de sua produção enquanto continua a ter uma *ação*, e de estar continuamente presente em novos presentes.<sup>7</sup> (2003, p. 234, grifos meus)

Os autores concedem à literatura um papel fundamental para a sua teoria da linguagem e concebem a noção de discurso como subjetivação, como processo de individuação, definindo a historicidade como “um elemento imprevisível”<sup>8</sup>, como “o elo e a matéria do valor”<sup>9</sup> (2003, p. 234). Tal concepção é diretamente oposta ao que denominam “historicismo”, que seria uma redução do sentido às suas condições de produção. A antropologia é pensada, assim, como um olhar sobre a história das sociedades humanas através da “crítica do estatuto da linguagem nas atividades sociais e nas representações culturais”<sup>10</sup> (p. 233). Dessons (2006, p. 14) observa, a partir disso, uma ciência do homem desenvolvida de acordo com o que confere às relações humanas um significado sempre renovado, tomando cada presente de fala como específico, criação sem fim, construção incessante. Assim, “a historicidade da linguagem faz com que a repetição não possa produzir o idêntico”.<sup>11</sup> (DESSONS, 2006, p. 138)

A esse respeito, Lösener observa que “toda teoria da linguagem é, ao mesmo tempo, uma teoria da linguagem e do homem, o início de uma antropologia”<sup>12</sup> (1997, p. 139). O autor defende que sua abrangência como antropologia depende da abrangência de sua teoria da linguagem, não sendo indiferente, portanto, “se uma teoria da linguagem inclui a poesia em sua consideração ou se ela a exclui”<sup>13</sup> (1997, p. 139). A historicidade e a subjetividade não têm, pois, nada a ver com a métrica, posto que são *cada vez únicas, jedesmalig*, como o discurso. Desse modo, uma antropologia histórica da linguagem traria consigo, necessariamente, uma crítica do princípio do signo e de seu dualismo; seria, pois, a superação de uma antiantropologia. No tocante a essa crítica, Lösener cita Jürgen Trabant, introdutor do pensamento meschonniquiano na Alemanha, para quem “O pensamento de Humboldt sobre a linguagem realmente começa

<sup>7</sup> “Sur le plan de la théorie du langage et de la littérature, le statut contradictoire entre une situation historique donnée, qui est toujours la circonstance d'une activité, et la capacité de cette activité à sortir indéfiniment des conditions de sa production en continuant d'avoir une action, et d'être continuellement présente à des présents nouveaux”.

<sup>8</sup> “L'historicité est un élément imprédictible”.

<sup>9</sup> “L'historicité est le lien et la matière de la valeur”.

<sup>10</sup> “critique du statut du langage dans les activités sociales et dans les représentations culturelles”.

<sup>11</sup> “L'historicité du langage fait que la répétition ne peut y produire de l'identique”.

<sup>12</sup> “Jede Sprachtheorie ist zugleich eine Theorie der Sprache und des Menschen, der Anfang einer Anthropologie”.

<sup>13</sup> “Deswegen ist es nicht gleichgültig, ob eine Sprachtheorie die Dichtung in ihre Betrachtung einbezieht oder ob sie sie ausklammert”.

no momento em que ele critica a concepção semiótica tradicional da linguagem”<sup>14</sup> (TRABANT, *apud* LÖSENER, 2006, p. 12). Segundo Lösener, desse modo, tal crítica inicia-se em parte com Humboldt, que rechaça a ideia de tomar a língua como “um signo praticamente acordado e indiferente” e a pensa a partir da atividade de um eu, de uma “fala cada vez única”, de um “discurso vinculado”<sup>15</sup> (HUMBOLDT *apud* LÖSENER, 1997, p. 145). Segundo o autor, é por essa razão que Humboldt conseguiu pensar em conjunto língua e literatura, língua e história, língua e sujeito. De acordo com a concepção humboldtiana de sentido, é nos textos que apreendemos a língua como fim e não meio (TRABANT, 1992, p. 168); é preciso, assim, apreender a língua no discurso, “onde ela é sua própria finalidade”<sup>16</sup> (TRABANT, 1992, p. 175), e, para tanto, o trabalho criativo é fundamental. Nesse sentido, é de se destacar que Meschonnic integra Humboldt em sua concepção de linguagem como uma presença, não como uma mera figura do passado (TRABANT, 2005, p. 176), uma vez que, além dos trabalhos publicados a respeito de Humboldt, o autor alemão é presença importante em todos os demais livros do pensador francês, sobretudo por sua concepção de linguagem como atividade viva.

## 2 Da criação de uma nova semiologia por parte do poeta

No prefácio de *Problemas de Linguística Geral I*, Benveniste afirma, em antecipação, que “a configuração da linguagem determina todos os sistemas semióticos” (2005, n.p.). Tal ideia será desenvolvida ao longo dos diferentes capítulos da compilação, mas especialmente em “Semiologia da língua”, texto publicado em 1969, no qual é proposta uma semiologia de segunda geração, desde a qual se pode vislumbrar a “análise translinguística dos textos, das obras” (BENVENISTE, 2006, p. 67). Com o objetivo de discutir a noção de *recriação* artística vinculada à ideia de uma nova semiologia, trago reflexões de Dessons (2006) e de Laplantine (2008) acerca do pensamento benvenistiano. Nesse sentido, como observado por Dessons, faz-se mister ter em vista a função crítica da noção de *reinvenção* que, conferida pelo prefixo *re-*, “funciona como um marcador de historicidade”<sup>17</sup> (DESSONS, 2006, p. 14) em Benveniste. Na linguagem, a iteração é, pois, uma reinvenção.

Com o intuito de discutir a extensão da reflexão de Benveniste em direção ao texto poético, Dessons interroga-se, na subseção “Une sémantique de l’art”, sobre o lugar da arte nas preocupações do autor. Dessa discussão, resgato a sua concepção do poeta como aquele que faz algo, como um criador, e o olhar sobre a dimensão artística da linguagem, sobre “o lugar onde o valor se constitui”<sup>18</sup> (DESSONS, 2006, p. 200). Em uma breve passagem de “Semiologia da língua”, Benveniste observa, com um verso de *As flores do mal*, que o poema constrói uma significação própria, posto que as correspondências ali criadas “não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a imagem que o reflete” (BENVENISTE, 2006, p. 62). A partir de Benveniste, Dessons percebe que essa significação específica da arte, sempre particular, também se estende ao poema, o que coloca a subjetividade no centro da discussão literária: “O poeta recria assim uma nova semiologia” (BENVENISTE *apud* DESSONS, 2006, p. 203).

<sup>14</sup> “Humboldts Sprachdenken beginnt eigentlich in dem Moment, wo er die traditionelle semiotische Auffassung der Sprache kritisiert“.

<sup>15</sup> “Humboldt lehnt es ab, die Sprache als »ein fast verabredetes gleichgültiges Zeichen zu betrachten«, er denkt sie nicht vom Zeichen, sondern von der Tätigkeit eines Ichs, vom »jedemaligen Sprechen« und der »verbundenen Rede« her”.

<sup>16</sup> “où elle est sa propre finalité”.

<sup>17</sup> “le préfixe *re-* fonctionne comme un marqueur d’historicité”.

<sup>18</sup> “le lieu où la valeur se constitue”.

Essa ideia será trabalhada em profundidade na tese de Chloé Laplantine, intitulada *Emile Benveniste : poétique de la théorie*, que se debruça sobre os manuscritos do autor a respeito da língua de Charles Baudelaire. É importante frisar, aqui, a relação desses escritos com a pesquisa de Saussure como um todo, do *Curso de Linguística Geral* aos anagramas. Laplantine observa que Benveniste forneceu meios para uma leitura crítica do CLG, que não se confunde com a dos estruturalistas, continuando-o “apesar da neblina”<sup>19</sup> (2008, p. 233). A autora defende que a reflexão sobre a linguagem poética torna possível a escrita de “Semiologia da língua”. Testemunha a favor disso o fato de algumas formulações presentes nos manuscritos serem extremamente próximas às do artigo. Pode-se destacar, entre outros, o paralelo entre a descrição do “poeta” e do “artista” ou, ainda, a reflexão sobre uma “semiologia nova” e sobre “sua própria semiótica” (LAPLANTINE, 2008, p. 247). Com esse foco no singular da produção, Benveniste conclui que “o poema cria o seu próprio paradigma de associações”<sup>20</sup> (2008, p. 255), observando não uma relação de ordem sintática, mas sintagmática, como a pesquisa saussuriana acerca dos anagramas, na qual a noção de consecutividade – associativa, não linear – questiona a “sucessividade como funcionamento unidimensional da linguagem na comunicação”.<sup>21</sup> (DESSONS, 2006, p. 196 *apud* LAPLANTINE, 2008, p. 253)

Nas páginas que antecedem o primeiro capítulo da segunda parte da tese de Chloé Laplantine, é introduzida a problemática teórica em questão e que dá título a essa parte: a linguagem poética. O trecho utilizado por Laplantine (2008, p. 139) como epígrafe, advindo de um manuscrito de Benveniste sobre a linguagem poética, já aponta dois direcionamentos para a discussão do capítulo: a) a língua poética possui um modo de significação diferente da língua ordinária; b) é necessário um aparelho de definições distinto do utilizado para a língua ordinária.

Ao longo da subseção intitulada “Benveniste et le poème”, Laplantine ressalta, através de exemplos de obras que estiveram no horizonte do autor, a presença e o papel crítico da arte na obra de Émile Benveniste. A autora argumenta que, na tensão entre arte e linguagem, o poema surge como uma interrogação no trabalho de Benveniste (2008, p. 156). Com isso, Laplantine salienta que a linguagem poética termina por questionar a linguagem ordinária (2008, p. 157), renovando a abordagem da linguagem em geral. Dessa forma, a autora vê em Benveniste um contínuo entre a linguagem poética e a do dia a dia. Em função desse interesse pela linguagem poética, e com esse olhar que busca o particular e não o generalizante, Laplantine observa em Benveniste, a partir do uso do termo metassemântica, a “descoberta de semânticas particulares” e “a descoberta e transformação do ponto de vista que organiza a visão”<sup>22</sup> (2008, pp. 158-159). Com essa leitura da obra benvenistiana, Laplantine defende que o poema implica necessariamente uma transformação do olhar. Essa ideia, implícita na primeira epígrafe, perpassa a discussão até o final do subcapítulo, quando a autora sustenta que a metassemântica, buscada e anunciada por Benveniste em “Semiologia da língua”, seria uma renovação, uma “invenção de um olhar novo através de um dizer novo”<sup>23</sup> (2008, p. 160) e, portanto, uma poética.

Em seguida, no subcapítulo “C’est une remise em question de tout le pouvoir signifiant

---

<sup>19</sup> “malgré le brouillard”.

<sup>20</sup> “Le poème crée son propre paradigme d’associations”.

<sup>21</sup> “la successivité comme fonctionnement unidimensionnel du langage dans la communication”.

<sup>22</sup> “la découverte de sémantiques particulières” e “la découverte et la transformation du point de vue qui organise la vision”.

<sup>23</sup> “l’invention d’un regard nouveau par un dire nouveau”.

traditionnel du langage”<sup>24</sup>, Laplantine avança a análise do papel da arte no pensamento benvenistiano, sobretudo no que toca ao questionamento que a produção artística lhe provoca e às consequências disso no fazer teórico do linguista. A autora aponta que “é com Baudelaire, com o poema, que ele renova de maneira decisiva sua teoria da linguagem”<sup>25</sup> (2008, p. 162). A produção artística baudelaireana surge, assim, como um grande interrogante que leva Benveniste a transformar sua própria teorização. A partir das discussões até aqui elencadas, pergunto: qual o papel da literatura? De que realidade se fala aqui? Como isso se relaciona com a singularidade? A seguir, busco entrelaçar essas questões.

Em uma época marcada tanto pela exclusão da literatura na reflexão pragmática, que a vê como parasitária, quanto pelo interesse estruturalista, que a vê como objeto interpretado, Benveniste busca pensar linguística e literatura conjuntamente, em uma tentativa que “parecerá radical”<sup>26</sup> (2008, p. 166), segundo suas notas. Laplantine argumenta que, em Benveniste, a literatura é “um observatório crítico para o linguista”<sup>27</sup> (2008, p. 167), pois coloca em questão as categorias usadas para abordar a “linguagem ordinária”. No centro da discussão, assim, encontra-se a mudança de olhar sobre a linguagem, posta em crise pela literatura.

Segundo Laplantine, “a poética de Benveniste permite a crítica da oposição essencial entre ‘linguagem poética’ e ‘ordinária’”<sup>28</sup> (2008, p. 171), uma vez que sua poética critica a concepção de uma linguagem referencial, colocando em questão sua abordagem inteira. Trata-se, pois, de “uma conversão de ponto de vista”<sup>29</sup> (2008, p. 174), provocada pela leitura de Baudelaire; ou, ainda, de uma “invenção de um olhar específico”<sup>30</sup> (2008, p. 175) e, concomitantemente, de “uma invenção da análise, do olhar, uma transformação do analista por esse olhar, por esse poema”<sup>31</sup> (2008, p. 176). Com isso, Laplantine observa que, para Benveniste, não há invenção do olhar sem invenção de uma nova gramática, de uma nova língua. Justamente essa língua nova, essa criação e subjetivação de alto grau, é que permite que “o poeta desvele uma realidade que o hábito esconde”<sup>32</sup> (2008, p. 180), não revelando uma verdade, mas sim descobrindo uma realidade encoberta pelas convenções.

Desse modo, Benveniste percebe que, em Baudelaire, a literatura foge à instrumentalidade, ao convencionalismo, à denotação, reivindicando liberdade. Por consequência, sua concepção de linguagem também não é denotativa, mas simbólica. Benveniste usa com frequência os termos “representar” e “representação”, mas dentro de um quadro saussuriano, que se opõe à ideia de nomenclatura, própria às leituras convencionalistas<sup>33</sup>. A crítica benvenistianiana é direcionada à representação realista da linguagem, reforçando, assim, a teoria saussuriana. Pelas palavras de Laplantine, Benveniste “fala de um real, mas esse real é particular, porque ele é linguístico”<sup>34</sup> (2008, p. 188), ou seja, esse real é interno ao discurso, uma vez que o homem está na linguagem, na representação. A subjetividade, assim, “se define como o processo inteiro da linguagem” (2008, p. 207), não

<sup>24</sup> “É um questionamento de todo o poder significante tradicional da linguagem”.

<sup>25</sup> “c’est avec Baudelaire, avec le poème, qu’il renouvelle de manière décisive sa théorie du langage”.

<sup>26</sup> “Notre tentative semblera radicale”.

<sup>27</sup> “la littérature est chez Benveniste un observatoire critique pour le linguiste”.

<sup>28</sup> “la poétique de Benveniste permet la critique de l’opposition essentielle du « langage poétique » et du « langage ordinaire »”.

<sup>29</sup> “une conversion du point de vue”.

<sup>30</sup> “l’invention d’un regard spécifique”.

<sup>31</sup> “une invention de l’analyse, du regard, une transformation de l’analyste par ce regard, par ce poème”.

<sup>32</sup> “le poète dévoile une réalité que l’habitude cachait”.

<sup>33</sup> No que concerne à diferença entre historicidade em Saussure e convencionalismo, ver Lösener, 2021.

<sup>34</sup> “il parle bien d’un réel, mais ce réel est particulier parce qu’il est linguistique.”.

restrita a marcas, não redutível também a gêneros. Com isso, Laplantine identifica em Benveniste um projeto de história, de realidade, que, com a crítica ao realismo da descrição, desloca o valor do termo “realista”: não se trata mais de um valor referencial, mas criativo. (2008, pp. 213-214)

Em função disso, por fim, retomo a discussão, observada a partir de “Semiologia da língua”, sobre o olhar que busca o particular e não o generalizante. Laplantine constata em Benveniste, a partir do uso do termo “metassemântica” (BENVENISTE, 2006, p. 67), a busca pela “descoberta de semânticas particulares” e “a descoberta e transformação do ponto de vista que organiza a visão”<sup>35</sup> (2008, p. 158). Desse modo, Laplantine conclui que, em Benveniste, “a arte é reinventada por cada obra”<sup>36</sup> (2008, p. 216), uma vez que se trata de “uma realidade criada indefinidamente pelo próprio poeta, por meio de seus versos”.<sup>37</sup> (BENVENISTE *apud* LAPLANTINE, 2008, p. 216)

Ao reconhecer suas diferentes gramáticas semânticas, poéticas, o autor chega a opor Baudelaire e Mallarmé, pela forma de vida que cada um produz em seus poemas, este radicalizando a crítica operada por aquele à concepção realista da linguagem. Chegamos aqui ao limite do risco, ao que Meschonnic chama, em *Modernidade, Modernidade*, de imprevisibilidade. A modernidade é, assim, o “que faz das invenções do pensar, do sentir, do ver, do ouvir, a invenção de formas de vida” (2017, p. 17), como um combate que não cessa de recomeçar, “porque ela é um estado nascente, indefinidamente nascente, do sujeito, de sua história, de seu sentido” (2017, p. 13). O poeta cria sua própria semiologia, seus próprios valores e associações, daí podermos falar da modernidade Baudelaire, da modernidade Mallarmé, da modernidade como “o modo histórico da subjetividade”. (2017, p. 42)

### 3 Da atividade no que tange à criação poética

Uma vez que meu interesse orbita em torno da noção de atividade, do que o poema faz e de como ele cria a sua própria significância, busquei destacar nos tópicos anteriores a concepção de antropologia histórica da linguagem e as questões da significação da arte e da especificidade da atividade poética. Nesse sentido, com a reflexão derivada da poética do discurso meschonniquiana, à qual Dessons, Laplantine e Lösener se filiam, busco escapar à classificação do poema no tempo histórico, voltando-me assim à produção, à sua historicidade. Minha aproximação a essa base teórica dá-se, pois, em uma recusa ao historicismo e em uma tentativa de leitura do modo pelo qual os poemas se constroem em sua própria poética. Para refletir acerca dessa construção, trago a seguir considerações de Meschonnic, Lösener, Dessons e Laplantine.

De acordo com Meschonnic (2017, p. 81), o historicismo é buscado por uma compulsão pela unidade, pela distribuição no tempo histórico, em detrimento da historicidade radical da linguagem, aquela de Émile Benveniste e de Ferdinand de Saussure. A esse respeito, Lösener (2006, p. 66) pontua que, para Saussure, valor e sistema são mutuamente dependentes: “A partir desta interdependência de sistema e valor resulta a historicidade radical do sistema”<sup>38</sup>. Por

<sup>35</sup> “la découverte de sémantiques particulières” e “la découverte et la transformation du point de vue qui organise la vision”.

<sup>36</sup> “l’art est réinventé par chaque oeuvre d’art”.

<sup>37</sup> “une réalité indéfiniment créée par le poète même, au moyen de ses vers”.

<sup>38</sup> “Aus dieser Interdependenz von System und Wert ergibt sich die radikale Geschichtlichkeit des Systems”.

essa razão, o autor observa que “o sistema não pode ser separado da respectiva língua; ele é cada vez único (no sentido de Humboldt), ou seja, histórico” (2021, p. 10). A estrutura, em contrapartida, “pode ser separada da língua individual e da história” (2021, p. 10), sendo estudada em unidades. Segundo os autores, deriva dessa necessidade de unidade o apego às escolas, às escolarizações, pois, “quem apenas vê a obra de arte na história, irá lê-la como um mero documento histórico, como expressão de uma época ou como um reflexo de uma cultura social particular”<sup>39</sup> (LÖSENER, 2006, p. 118). Assim, para não cair nos abrigos dos esquemas, é preciso encarar a performatividade semântica do poema, ou seja, observar o que o texto faz, considerando não elementos pré-existentes, mas sim valores que emanam do sistema.

Com um olhar que procura escapar ao historicismo, Dessons (2006, pp. 78-81) aproxima as concepções de linguagem de Benveniste e de Humboldt, observando a ênfase dos autores na atividade de linguagem, não em um produto resultante desta. Como um dos frutos possíveis dessas aproximações, Dessons (2006, pp. 69-71) considera que a ampliação da classe formal da enunciação, calcada no valor individuante de todo ato linguístico, é sintomática de uma tendência de Benveniste a considerar o discurso como uma globalidade enunciativa. Nessa perspectiva, a passagem do semiótico ao semântico<sup>40</sup> integra a dimensão empírica à concepção de linguagem, o que permite pensar o discurso como “um ato ético global”<sup>41</sup> (DESSONS, 2006, p. 102). Desse modo, a capacidade de subjetivação é vista como inerente à linguagem, sendo, por essa razão, um universal linguístico, “não porque a linguagem *traduziria* uma subjetividade preexistente, mas porque ela realmente e especificamente a *constitui*”<sup>42</sup> (DESSONS, p. 99, grifos do autor). Segundo Dessons, a consideração da historicidade fundada na e pela enunciação leva Benveniste a refletir, a partir da noção de apropriação da língua, sobre a ocorrência do “processo infinito da individuação”<sup>43</sup> (2006, p. 110). O ato de enunciação e a produção de significação seriam interdependentes, uma vez que “a enunciação não é, portanto, um produto da história; pelo contrário, é sua condição, pois funda a historicidade”<sup>44</sup> (DESSONS, 2006, p. 110). Nesse sentido, a noção de ritmo desempenhará um papel fundamental, como destaque a seguir.

Em *Traité du rythme*, no subcapítulo intitulado “Le mot et la chose”, Dessons e Meschonnic apresentam uma longa lista de exemplos de dicionários de línguas ocidentais que testemunham a confusão entre as palavras “ritmo” e “rima”, tomando-as por sinônimas. Com isso, os autores objetivam ilustrar o que Benveniste mostrou em seu artigo sobre a noção de ritmo<sup>45</sup>, a saber: a ideia platônica de ritmo, entendido como período com intervalos regulares, é aceita como natural. Dessa discussão, pontuo:

1) nos verbetes dos dicionários apresentados (2003, pp. 12-23), a quantidade de termos relacionados ao que os autores chamam de ordem do descontínuo: regularidade, periodicidade,

<sup>39</sup> “Wer nur das Kunstwerk in der Geschichte sieht, wird es als bloßes historisches Dokument lesen, als Ausdruck einer Epoche oder als Spiegelbild einer bestimmten Gesellschaftskultur”.

<sup>40</sup> Ao longo de sua produção, Benveniste confronta-se constantemente com o problema da significação, uma vez que compreende a língua como, antes de mais nada, um sistema significante. Para o autor, na base da língua, encontra-se o sistema semiótico, cujos signos têm caráter genérico. Sobre o semiótico, porém, há uma semântica própria construída pela língua-discurso, cujas palavras são sempre particulares.

<sup>41</sup> “un acte éthique global”.

<sup>42</sup> “non parce que le langage *traduirait* une subjectivité préexistante, mais parce qu’il la *constitue* réellement et spécifiquement”.

<sup>43</sup> “le processus infini de l’individuation”.

<sup>44</sup> “L’énunciation n’est donc pas un produit de l’histoire ; elle en est au contraire la condition, puisqu’elle fonde l’historicité”.

<sup>45</sup> “A noção de ‘ritmo’ na sua expressão linguística”, presente em *Problemas de Linguística Geral I*.

frequência, cadência, disposição simétrica, distribuição de uma duração, métrica, pé, correlação harmoniosa, medida. Essas entradas testemunham uma forte aproximação ao âmbito da música, sedimentando-se, porém, como uma noção técnica que se volta a regularidades.

2) a indagação sobre o porquê da manutenção do nome “ritmo”, uma vez que a noção corrente é tão diferente da que se busca resgatar. Para responder, Dessons e Meschonnic apoiam-se em uma resposta de Bergson, para quem um termo em si não circunscreve tanto uma coisa, mas um problema para o qual as soluções diferem. Segundo os autores, trata-se, em última instância, da desplatonização da definição de ritmo (2003, p. 30), para situá-lo na teoria geral da linguagem.

3) a afirmação sobre a necessidade de transformação da noção de ritmo para que se abandone uma teoria métrica, binária, e se possa trabalhar com o reconhecimento dos ritmos do discurso, moventes. Dessons e Meschonnic definem o ritmo como “*a organização do movimento da fala por um sujeito*”<sup>46</sup> (2003, p. 28, grifo dos autores) e enfatizam que essa concepção determina a poética, sendo preciso, portanto, situá-la não apenas como um trabalho para “reconhecer o que faz uma obra literária, e como ela o faz”<sup>47</sup> (2003, p. 28, grifo dos autores), mas também como um “reexame da representação comum da linguagem”<sup>48</sup> (2003, p. 28), que conduz à inseparabilidade entre literatura e teoria da linguagem.

Dessons e Meschonnic (2003) dissertam, assim, sobre a definição clássica de ritmo, na qual a linguagem é identificada a uma representação do signo linguístico, produzindo a ilusão de que esta seja a própria linguagem: “aquilo que nos foi apresentado como a natureza das coisas – a natureza da linguagem – é apenas uma representação da linguagem”<sup>49</sup> (2003, p. 38). Os autores apontam que falta o empírico à definição de linguagem pelo signo, sendo, por isso, a crítica do ritmo uma perspectiva crítica do signo, de seu paradigma descontínuo. Tal crítica busca o ritmo como organização subjetiva, como historicidade radical da linguagem, por considerar que essa nova noção desplatonizada “possui consequências sobre todo o pensamento da sociedade”<sup>50</sup> (2003, p. 37). Nesse sentido, Dessons e Meschonnic (2003, p. 41) consideram a implicação entre teoria da literatura e da linguagem como fundamental para uma antropologia histórica da linguagem, por manifestar a necessidade de uma outra concepção que questione a binaridade e a universalidade do ritmo. Trata-se, pois, de renovar a noção de ritmo, de percebê-la como um conceito de linguagem e de conceder “ao contínuo uma consistência teórica correspondente à sua existência empírica”.<sup>51</sup> (2003, p. 43)

O conjunto dessa reflexão leva a pensar sobre os efeitos causados pela literatura na concepção de linguagem de Benveniste, cuja preocupação fundamental volta-se à singularidade. Nos manuscritos, Chloé Laplantine (2008) observa uma referência à poética aristotélica, mas em uma tomada crítica que leva Benveniste a pensar em “uma *pragmática* da linguagem poética”<sup>52</sup> (p. 229, grifo da autora), a observar a poesia não como gênero, mas atividade particular, diferente de uma pragmática da linguagem ordinária, no sentido convencionalista (2008, p. 233). A autora mostra que Benveniste remotiva o valor do termo grego *poiètès*, definindo o autor, o poeta, como aquele que *faz*, concluindo que “a linguagem poética tem seu

<sup>46</sup> “*le rythme est l’organisation du mouvement de la parole par un sujet*”.

<sup>47</sup> “reconnaître ce que fait une œuvre littéraire, et comment elle le fait”.

<sup>48</sup> “un réexamen de la représentation commune du langage”.

<sup>49</sup> “ce qu’on nous a si longtemps présenté comme la nature des choses – la nature du langage – n’est qu’une représentation du langage”.

<sup>50</sup> “a des conséquences sur toute la pensée de la société”.

<sup>51</sup> “donner au continu une existence théorique correspondant à son existence empirique”.

<sup>52</sup> “une *pragmatique* du langage poétique”.

fim / em sua própria expressão”.<sup>53</sup> (Benveniste *apud* Laplantine, 2008, p. 235)

No entanto, isso não significa uma improdutividade da linguagem poética, mas sim que ela produz alguma coisa à qual a linguagem ordinária tornou-se surda (2008, p. 240). Segundo Laplantine, Benveniste interroga o *fazer* do poema em oposição a um fazer da linguagem ordinária: “o universo da linguagem poética, ao contrário daquele da linguagem ordinária, é o do sujeito, do viver, da experiência”<sup>54</sup> (2008, p. 235). Nesse sentido, o fazer do poeta desvela ao recriar, ele escapa a isso que se impõe à língua como realidade. Do mesmo modo, isso tampouco significa que Benveniste trabalhe com uma simples oposição entre poético e ordinário; ao contrário, segundo Laplantine, a noção de poesia aí é “um questionamento dos critérios formais, temáticos ou estilísticos pelos quais a poesia é habitualmente limitada”<sup>55</sup> (2008, p. 228), como a oposição à prosa e à linguagem ordinária, por exemplo.

Ao afirmar que a poesia é uma língua interior à língua e que ela está na linguagem ordinária, Benveniste escapa a essa oposição, definindo a poesia como uma profundidade, uma “interioridade” que, segundo Laplantine, “para Benveniste, ao ler Baudelaire, não é diferente da subjetividade”<sup>56</sup> (2008, p. 230). Ao fim e a cabo, o autor não trata de uma dicotomia, mas de dois pontos de vista sobre a linguagem: uma teoria da linguagem poética e uma ordinária (2008, p. 235). Laplantine observa algumas implicações a esse respeito, partindo da afirmação de Benveniste sobre o sintagma, na poesia, estender-se para além de seus limites gramaticais. A autora traça um paralelo entre Benveniste e Saussure, cujas pesquisas em poemas os levaram a pensar em termos associativos e, com isso, a renovar a dimensão do sintagma, pois essa abordagem questiona radicalmente o princípio da linearidade. Laplantine pontua que a obra de Baudelaire provoca em Benveniste essa busca por uma outra forma de significação que constrói suas próprias associações – sua paradigmática, pelas palavras de Meschonnic. Por isso, Benveniste define “correspondência” como a palavra-chave da poética baudelaireana, descrevendo-a como uma forma de vida inventada pelo poeta. (LAPLANTINE, 2008, pp. 258-259)

Tal consideração é explorada por Dessons e Meschonnic, os quais versam sobre uma certa “rítmica”, sobre uma “configuração do ritmo próprio a um texto”<sup>57</sup> (2003, p. 41) e, ainda, sobre subjetivação do discurso como um efeito no texto quando da consideração do “funcionamento do ritmo como a matéria de uma semântica específica, de uma atividade que não é a da designação de sentido, mas a constituição de séries rítmicas e prosódicas”<sup>58</sup> (2003, pp. 43-44). Os autores chegam ao ponto de reconhecer a necessidade de postular um sujeito específico – do poema, da arte, da escritura – que “produz um efeito específico sobre o sujeito da leitura”<sup>59</sup> (2003, p. 44). Nesse sentido, Lösener compreende que observar o poema como atividade, como radical individuação, amplia crucialmente a concepção de leitura poética, uma vez que “o outro, que está em jogo na leitura poética, não é simplesmente algo estranho, desconhecido, novo; ao contrário, ele tem a qualidade de uma contraparte, e nele se articula

<sup>53</sup> “le langage poétique a sa fin / dans sa propre expression”.

<sup>54</sup> “On le voit, l’univers du langage poétique, contrairement à celui du langage ordinaire, est celui du sujet, du vivre, de l’expérience”.

<sup>55</sup> “une remise en cause des critères formels, thématiques ou stylistiques par lesquels la poésie est habituellement limitée”.

<sup>56</sup> “L’intériorité pour Benveniste lisant Baudelaire, n’est pas différente de la subjectivité”.

<sup>57</sup> “une rythmique : configuration du rythme propre à un texte”.

<sup>58</sup> “le fonctionnement du rythme comme la matière d’une sémantique spécifique, d’une activité qui n’est pas celle de la désignation du sens mais la constitution de séries rythmiques et prosodiques”.

<sup>59</sup> “produit un effet spécifique sur le sujet de la lecture”.

assim um *outro sujeito*<sup>60</sup> (2006, p. 122, grifo do autor). Em consonância com essa perspectiva, Laplantine mostra, ainda, que a reflexão de Benveniste implica, de um só golpe, escritura poética e leitura, uma vez que “o paradigma é memorial e emocional”<sup>61</sup> (BENVENISTE *apud* LAPLANTINE, p. 259). Ou seja, no poema, o poeta cria uma semiótica que lhe é própria, cujas correspondências possuem um valor singular; e, sob efeito de sua ação, o leitor o reescreve, produzindo sua própria memória desse poema.

### Considerações finais

A presente discussão foi uma tentativa de reflexão sobre a recriação da semiologia através da atividade poética, sobre o poema como espaço de subjetivação. Com observações de Gérard Dessons, Henri Meschonnic e Hans Lösenner, o caminho delineou-se a partir da consideração de uma antropologia histórica da linguagem, que concebe o humano a partir do que lhe garante sua individuação, a linguagem. Em um segundo momento, para refletir sobre a arte como um espaço de individuação de alto grau, apoiei-me em leituras de Gérard Dessons, de Chloé Laplantine e de Henri Meschonnic a respeito das considerações de Émile Benveniste acerca da semiologia da língua e da linguagem poética. Posteriormente, estendi a discussão em direção à noção de atividade sob o ponto de vista da poética do ritmo, a partir do questionamento do que faz um poema. Nesse sentido, Dessons, Meschonnic, Laplantine e Lösenner forneceram elementos para a observação da linguagem poética, colocando a ênfase no que o poema faz com o leitor, não no que ele diz. Por fim, ao longo deste ensaio, ainda que a tônica estivesse em Émile Benveniste, busquei salientar a importância de Wilhelm von Humboldt e de Ferdinand de Saussure para a formação da poética do ritmo, por configurarem-se como pilares do pensamento meschonniciano que, como observa Trabandt (2005, p. 176), representam “um pensamento da linguagem não redutor”<sup>62</sup>.

Por criar uma semiologia própria, com suas próprias associações particulares, o específico do poema é sua atividade própria, sua performatividade semântica. Sua configuração rítmica e subjetiva não cessa de se constituir e de produzir efeitos sobre o sujeito da leitura, uma vez que a “leitura poética é capaz de descobrir o sistema de texto como sistema-eu-aqui-agora de um sujeito, ela realiza a intersubjetividade da leitura”<sup>63</sup> (LÖSENER, 2006, p. 122). A discussão parece indicar, assim, uma atividade não só do sujeito do poema e do sujeito da leitura, mas de cada poema em sua capacidade de se reinventar para além das condições de sua produção e de continuar a ter uma ação em novos presentes, como observam Dessons e Meschonnic (2003, p. 234). Encontramo-nos, assim, no limiar da atividade poética. Nessa perspectiva, a tônica é colocada na busca do que faz um poema, do que o produz singularmente, do seu modo específico de significar, ou seja, de seu ritmo. É preciso, pois, ler poeticamente.

---

<sup>60</sup> “Das Andere, um das es beim poetischen Lesen geht, ist nicht einfach nur etwas Fremdes, Unbekanntes, Neues, vielmehr hat es die Qualität eines Gegenüber, und damit artikuliert sich in ihm ein *anderes Subjekt*“.

<sup>61</sup> “Le paradigme est mémoriel et émotionnel”.

<sup>62</sup> “les trois auteurs de Meschonnic représentent plutôt une seule et même chose : une pensée du langage non réductrice”.

<sup>63</sup> “Das poetische Lesen vermag das Textsystem als Ich-Jetzt-Hier-System eines Subjekts zu entdecken, es realisiert die Intersubjektivität des Lesens”.

## Referências

- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria Novak e Maria Neri, com revisão de Isaac Salum. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. E. Guimarães, M. Escobar, R. Figueira, V. Castro, J. Geraldi, I. Koch, com revisão técnica de E. Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- DESSONS, G. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. França: Éditions IN PRESS, 2006.
- DESSONS, G.; MESCHONNIC, H. *Traité du rythme – des vers et des proses*. Nathan: Paris, 2003.
- LAPLANTINE, C. *Émile Benveniste: poétique de la théorie*. Thèse de Doctorat. Université Paris 8, 2008.
- LÖSENER, H. Sprachtheorie als Anthropologie – Vom Dualismus des Zeichens zur Pluralität des Geschichtlichen. In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, v. 106, pp. 139-149, 1997.
- LÖSENER, H. *Zwischen Wort und Wort: Interpretation und Textanalyse*. München: Wilhelm Fink Verlag, 2006.
- LÖSENER, H. Saussure e a historicidade da língua. *Revista Odisseia*, v. 6, n. 1, pp. 1-17, 11 jun. 2021. Tradução: Aroldo Garcia dos Anjos.
- MESCHONNIC, H. *Modernidade, Modernidade*. Trad. Lucius Provase. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- TRABANT, J. *Humboldt ou le sens du langage*. Édition française élaborée par l'auteur et François Mortier avec la collaboration de Jean-Luc Evard. Liège: Mardaga, 1992.
- TRABANT, J. Le Humboldt d'Henri Meschonnic. In: DESSONS, G.; MARTIN, S.; MICHON, P. *Henri Meschonnic, la pensée et le poème*. Paris: Press, 2005.

Recebido em: 28/02/22

Aceito em: 22/08/22